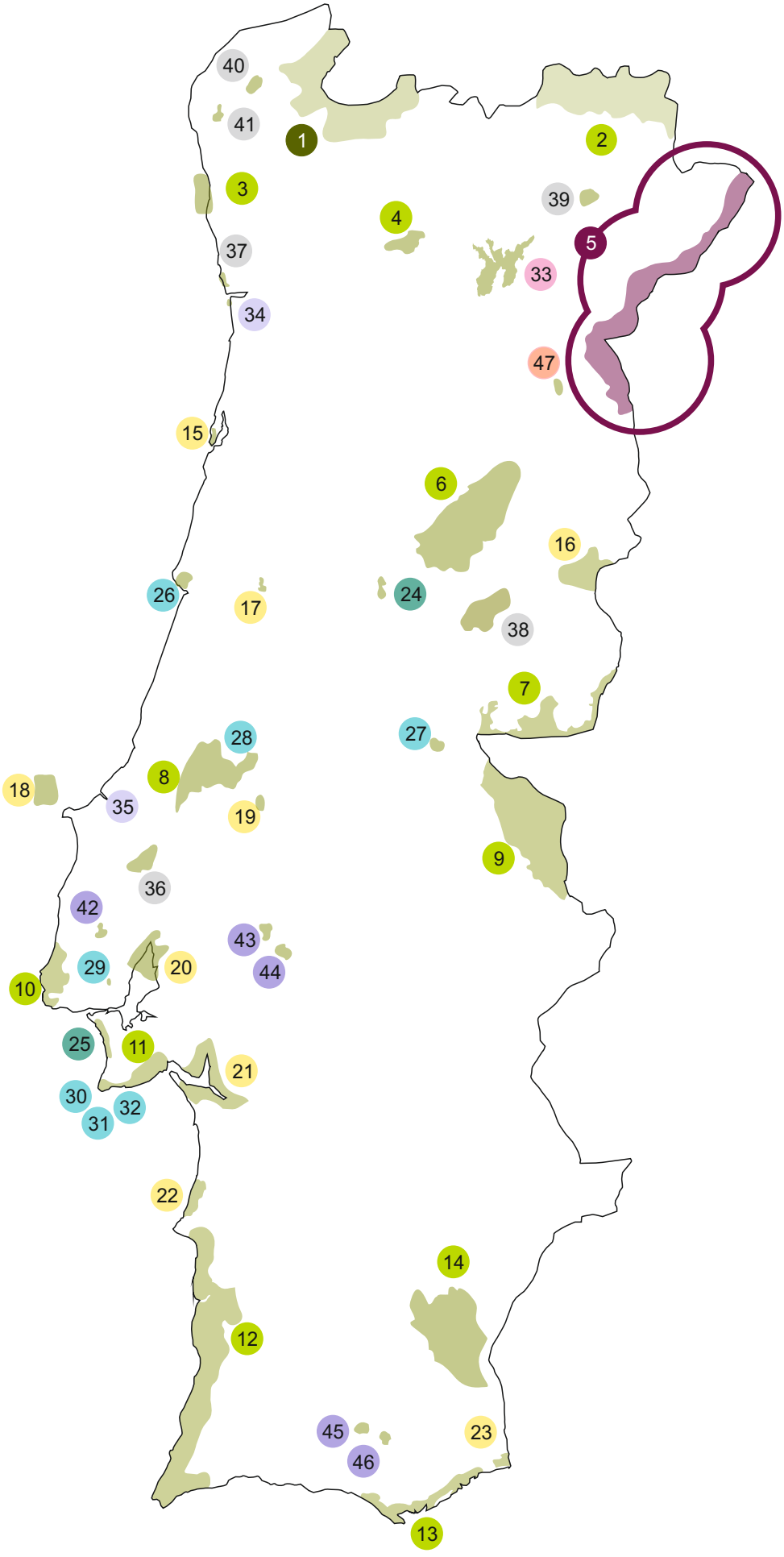
PARQUE NATURAL DO DOURO INTERNACIONAL

ICNF
Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

Rede Nacional de Áreas Protegidas



Parque Nacional

1 Peneda-Gerês

Parque Natural

2 Montesinho
3 Litoral Norte
4 Alvão
5 Douro Internacional
6 Serra da Estrela
7 Tejo Internacional
8 Serras de Aire e Candeeiros
9 Serra de São Mamede
10 Sintra-Cascais
11 Arrábida
12 Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
13 Ria Formosa
14 Vale do Guadiana

Reserva Natural

15 Dunas de São Jacinto
16 Serra da Malcata
17 Paul de Arzila
18 Berlengas
19 Paul do Boquilobo
20 Estuário do Tejo
21 Estuário do Sado
22 Lagoas de Santo André e da Sancha
23 Sapal de Castro Marim e Vila R.S. A.

Paisagem Protegida

24 Serra do Açor
25 Arriba Fóssil da Costa da Caparica

Monumento Natural

26 Cabo Mondego
27 Portas de Ródão
28 Pegadas de Dinossáurios de Ourém - Torres Novas
29 Carenque
30 Pedra da Mua
31 Lagosteiros
32 Pedreira do Avelino

Parque Natural - Âmbito Regional

33 Vale do Tua

Reserva Natural - Âmbito Local

34 Estuário do Douro
35 Paul de Tornada

Paisagem Protegida - Âmbito Regional

36 Serra de Montejunto
37 Litoral de Vila do Conde e R.O. do Mindelo
38 Serra da Gardunha
39 Albufeira do Azibo
40 Corno de Bico
41 Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos

Paisagem Protegida - Âmbito Local

42 Serras do Socorro e Archeira
43 Açude da Agolada
44 Açude do Monte da Barca
45 Rocha da Pena
46 Fonte Benémola

Área Protegida Privada

47 Faia Brava

O **Parque Natural do Douro Internacional** (PNDI) inclui os troços fronteiriços dos rios Douro e Águeda, bem como as superfícies planálticas confinantes pertencentes aos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Espada à Cinta, Miranda do Douro e Mogadouro.

Classificação ***4***

Caracterização ***5***

Estatutos ***7***

Geologia ***8***

Clima ***9***

Habitats ***10***

Flora ***13***

Fauna ***15***

História | Cultura ***18***

Classificação

O Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) foi criado através do Decreto-Regulamentar n.º 8/98, de 11 de maio e tem uma área aproximada de 87.000 ha.

O enclave orográfico constituído pelo rio Douro e seu afluente, o Águeda, fronteira natural entre Portugal e Espanha, possui características únicas em termos geológicos e climáticos, condicionando as comunidades florística e faunística, nomeadamente a avifauna, e as próprias atividades humanas.

A classificação desta área como Parque Natural visou a adoção de medidas tendentes a valorizar as características mais relevantes do ponto de vista natural, paisagístico, sócio-económico e cultural.

Constituem objetivos específicos deste Parque Natural:

1. valorizar e conservar o património natural e o equilíbrio ecológico, através da preservação da biodiversidade e da utilização sustentável das espécies, habitats e ecossistemas;
2. promover a melhoria da qualidade de vida das populações em harmonia com a conservação da natureza;
3. valorizar e salvaguardar o património arquitetónico, histórico e cultural, com integral respeito pelas atividades tradicionais, designadamente a Região Demarcada do Douro, a mais antiga região demarcada do mundo; e
4. ordenar e disciplinar as atividades recreativas na região de forma a evitar a degradação dos elementos naturais, seminaturais e paisagísticos, estéticos e culturais da região.

Em 11 de abril de 2002, foi criado o Parque Natural Arribes del Duero, com uma superfície de aproximadamente 106.105 ha, que forma parte da rede de espaços naturais e protegidos de Castela e Leão, com o objetivo de conservar, proteger os recursos naturais da zona, preservar a sua biodiversidade e manter os ecossistemas.

A criação deste Parque Natural em território espanhol complementa a proteção da zona mais sensível em termos de conservação da natureza, que corresponde ao canhão dos rios Douro e Águeda.

No seu conjunto, os dois Parques formam um dos maiores espaços protegidos da Europa, com uma superfície de 193.105 ha.

Caracterização

De rio de águas violentas, o Douro, devido às barragens, fez-se um vasto e tranquilo espelho de água aprisionado entre muralhas a prumo, sendo notório o contraste entre a estreita garganta por onde corre e o ondulado das superfícies adjacentes.

A área do Parque abrange o troço fronteiriço do rio Douro, incluindo o seu vale e superfícies planálticas adjacentes, e prolonga-se para sul através do vale do seu afluente, o rio Águeda, numa extensão de cerca de 120 km.

A parte norte corresponde à zona de menor influência atlântica de Trás-os-Montes, sendo constituída por um extenso planalto, com altitudes que variam entre os 700 e os 800 metros. Aqui, o vale do Douro é bastante encaixado, com margens escarpadas essencialmente graníticas, as "arribas". À medida que se avança para sul, o vale apresenta-se mais aberto, com fundos de vales aplanados, permanecendo as vertentes escarpadas; há ainda pequenas áreas planálticas e relevos residuais encimados por quartzitos. Esta zona, onde o vale já se assemelha ao "Douro vinhateiro", caracteriza-se pelo seu microclima, com escassa precipitação e amenas temperaturas invernais, fazendo parte da chamada Terra Quente Transmontana.

A região inclui-se no domínio do carvalhal - bosques de carvalho-negral *Quercus pyrenaica* e carvalho-cerquinho *Quercus faginea*, nas zonas de maior altitude e de azinheira *Quercus rotundifolia* e sobreiro *Quercus suber*, nos terrenos mais secos. Há zimbrais e lodoais nos vales apertados e em esporões rochosos do Douro e seus afluentes, bosques de amieiros, salgueiros e freixos junto às linhas de água e grandes extensões de giesta *Cytisus striatus* e esteva *Cistus ladanifer*.

A atividade agropecuária é extremamente importante na definição da paisagem. A cultura extensiva de cereal cria biótopos estepários, importantes para a avifauna, e o mosaico de habitats criado pelos lameiros, vinhedos, olivais, etc., conferem a esta área uma elevada biodiversidade.

A fauna presente neste Parque Natural distingue-se pelo número de espécies e pelo seu estatuto de conservação. Nas aves, o milhafre-real Milvus milvus e o chasco-preto Oenanthe leucura estão Criticamente Em Perigo; o abutre-do-egito Neophron percnopterus, o tartaranhão-caçador Circus pygargus, a águia-real Aquila chrysaetos, a águia-de-bonelli Hieraaetus fasciatus e a gralha-de-bico-vermelho Pyrrhocorax pyrrhocorax estão Em Perigo; a cegonha-preta Ciconia nigra e o falcão-peregrino Falco peregrinus, entre outros, são Vulneráveis. Todas estas aves têm o seu habitat preferencial nas arribas, com exceção do milhafre-real e do tartaranhão-caçador, que ocupam o planalto. A albufeira da barragem de Santa Maria de Aguiar, na parte sul do Parque, é a zona húmida mais importante de todo o interior norte e centro para as aves aquáticas, destacando-se a população de mergulhão-de-crista Podiceps cristatus.

Quanto aos mamíferos, o morcego-de-ferradura-mediterrânico *Rhinolophus euryale* e o morcego-rato-pequeno *Myothis blythii* estão Criticamente Em Perigo; o lobo *Canis lupus*

está Em Perigo; o morcego-de-peluche *Miniopterus schreibersii*, o rato-de-cabrera *Microtus cabrerae*, o gato-bravo *Felis silvestris*, entre outros, são Vulneráveis. No Parque e área envolvente encontram-se alguns abrigos de criação e/ou de hibernação de morcegos cavernícolas com importância nacional.

No grupo dos répteis, o cágado-de-carapaça-estriada *Emys orbicularis* está Em Perigo e a víbora-cornuda *Vipera latastei* é Vulnerável.

As casas concentram-se, envoltas por campos cultivados. A floresta é escassa e uma faixa de incultos acompanha o escarpado do rio e seus afluentes. Nas zonas planálticas predomina a cultura de cereais; os lameiros ocupam as zonas mais baixas e húmidas dos vales. Nas arribas, predominam as culturas mediterrânicas - a vinha, o olival, o amendoal, o laranjal. Criam-se raças autóctones de ovelhas, Churra Galega Mirandesa e Churra da Terra Quente, e de gado bovino, vaca Mirandesa. Há também que referir a raça autóctone de asininos, o Burro Mirandês. O pombo, abrigado nos tradicionais pombais, faz parte da dieta do agricultor e enriquece a terra.

Estatutos

- **Decreto Regulamentar 8/98, de 11 de maio**
  Cria o Parque Natural do Douro Internacional.

- **Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97, de 28 de agosto**
  Aprova a Lista Nacional de Sítios - 1ª Fase, criando, entre outros, o Sítio de Importância Comunitária (SIC) "Douro Internacional" da Rede Natura 2000.

- **Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de setembro**
  Cria a Zona de Proteção Especial (ZPE) "Douro Internacional e Vale do Águeda" da Rede Natura 2000, no âmbito da Diretiva Aves.

- **Resolução do Conselho de Ministros n.º 120/2005, de 28 de julho**
  Aprova o Plano de Ordenamento do Parque Natural do Douro Internacional (POPNDI).

Geologia

O Parque Natural do Douro Internacional (PNDI) apresenta um património geológico bastante rico, estando inserido numa das zonas mais emblemáticas da geologia de Portugal continental.

Aqui ocorrem algumas das rochas mais antigas de Portugal, os gnaisses de Miranda do Douro, assinalados com idade Pré-Câmbrica. O setor de Mogadouro situa-se na orla do maciço de Morais, onde ocorrem rochas ofiolíticas, testemunhos de antigos fundos oceânicos que foram trazidos à superfície e cavalgaram a costa continental, devido aos esforços tectónicos que originaram, nesta região e durante o Paleozóico, uma cadeia de montanhas designada Hercínica, similar em muitos aspetos aos atuais Himalaias, e que se estendeu até à costa leste americana. Várias estruturas geológicas, conhecidas como mantos de carreamento e que foram as responsáveis pelo transporte para a superfície dos antigos fundos oceânicos, surgem também neste setor do Parque Natural e na sua envolvente.

Além dos testemunhos dos recuados tempos paleozóicos, a atividade geológica mais recente está também registada na área do Parque, sendo de destacar a história evolutiva da rede de drenagem do Douro, desde os tempos em que este drenava para o interior de Espanha até à atual drenagem para ocidente. Esta evolução está gravada, quer nos depósitos arenoargilosos de Sendim e outros locais quer na espectacular cascata de Lamoso, a qual marca a passagem do antigo nível local de erosão fluvial para o atual nível de erosão imposto pelo novo traçado do Douro.

A variedade litológica é notável, estando assinalada a ocorrência de diversos tipos de granitos, gnaisses, migmatitos, serpentinitos, calcários, mármores, travertinos, quartzitos, xistos e grauvaques, assim como diversos depósitos de terraço e cascalheiras. Verifica-se também a existência de testemunhos fósseis de uma antiga fauna marinha de idade Câmbrica.

Há ainda a referir um património ainda inexplorado de nascentes termais e a grande riqueza mineralógica que, no passado, sustentou uma continuada tradição mineira, que remonta aos tempos romanos e cujos últimos episódios estão marcados pela corrida ao volfrâmio durante a II Guerra Mundial.

Clima

O clima da região pode definir-se como mediterrâneo-subcontinental, de acentuadas amplitudes térmicas, com invernos frios, e estios muito quentes e secos. A parte norte do Parque corresponde à zona de menor influência atlântica de Trás-os-Montes, inserindo-se já na Terra Fria Transmontana. A parte sul, onde o vale já se assemelha ao "Douro vinhateiro", caracteriza-se pelo seu microclima, com escassa precipitação e amenas temperaturas invernais, fazendo parte da designada Terra Quente Transmontana.

A relação entre precipitação e temperatura é muito clara e inversa, já que são ambas determinadas pela fisiografia e pelo mais ou menos acentuado efeito da continentalidade. A distribuição das precipitações ao longo do ano segue, em toda esta região, o regime mediterrânico. Entre outubro e março ocorre, em média, 70% do total anual de precipitação, em contraste com menos de 10% no trimestre seco, entre junho e agosto, tendo os restantes meses caráter de transição. Em julho e agosto, as precipitações apenas excedem os 20 mm nas áreas serranas, situando-se, em quase todo o território, entre os 20 e os 10 mm, raramente descendo para valores menores do que 10 mm.

Habitats

No Parque Natural do Douro Internacional ocorre uma grande diversidade de Habitats Naturais constantes do Anexo I da Diretiva Habitats (anexo B-I do Decreto-Lei n.º 49/2005), incluindo quatro habitats prioritários.

O Parque possui uma elevada importância florística e manchas de vegetação extremamente bem preservadas, com realce para as que ocupam as arribas, cuja composição e estrutura refletem o declive e a exposição solar.

Em contraste, os planaltos e vales de relevo suave são marcadamente cultivados ou pastoreados, surgindo a vegetação natural quer nas sebes e limites de propriedade, quer sob a forma de maciços ou bosquetes confinados aos barrocais ou ainda nas parcelas agrícolas recentemente abandonadas.

Verifica-se, assim, a existência de uma dicotomia paisagística pautada pela alternância de zonas de mosaico agrícola e de formações naturais, situação que favorece a presença de espécies da fauna tão diversas como o lobo *Canis lupus* ou, ao nível do micro-mosaico, o rato de Cabrera *Microtus cabrerae*.

Os habitats dominantes são os bosques, com diferentes classes etárias, de carvalho-negral *Quercus pyrenaica* (9230), carvalho-cerquinho *Quercus faginea* subsp. *faginea*, azinheira *Quercus rotundifolia* (9340) e sobreiro *Quercus suber* (9330), bosques de lodão *Celtis australis*, giestais, piornais e estevais.

Merecem referência especial os matagais arborescentes de *Juniperus oxycedrus* s.l. (5210), com um caráter reliquial, e o habitat prioritário de florestas endémicas de *Juniperus* spp. (9560*), cuja composição florística é francamente original.

Outros habitats importantes são as comunidades orófilas de caldoneira *Echinospartum ibericum* (4090), as comunidades de leitos de cheia (3250 e 6160), que, devido aos sistemas hidroelétricos, viram a sua área severamente reduzida, e os bosques ripícolas de diversos tipos (freixos, salgueiros, ulmeiros, amieiros, tamargueiras).

Habitats Naturais

Nota: habitats prioritários assinalados com asterisco *

3 Habitats de água doce

31 Águas paradas

3130 Águas paradas, oligotróficas a mesotróficas, com vegetação da Littorelletea uniflorae e/ou da *Isoëto-Nanojuncetea*

3150 Lagos eutróficos naturais com vegetação da *Magnopotamion* ou da *Hydrocharition*

3170 Charcos temporários mediterrânicos *

32 Águas correntes – troços de cursos de água com dinâmica natural e seminatural (leitos pequenos, médios e grandes), em que a qualidade da água não sofre mudanças significativas

3250 Cursos de água mediterrânicos permanentes com *Glaucium flavum*

3260 Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da *Ranunculion fluitantis* e da *Callitricho-Batrachion*

3280 Cursos de água mediterrânicos permanentes da *Paspalo-Agrostidion* com cortinas arbóreas ribeirinhas de *Salix* e *Populus alba*

4 Charnecas e matos das zonas temperadas

4030 Charnecas secas europeias

4090 Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas

5 Matos esclerófilos

52 Matagais arborescentes mediterrânicos

5210 Matagais arborescentes de *Juniperus* spp.

53 Matos termomediterrânicos pré-estépicos

5330 Matos termomediterrânicos pré-desérticos

6 Formações herbáceas naturais e seminaturais

61 Prados naturais

6160 Prados oro-ibéricos de Festuca indigesta

62 Formações herbáceas secas seminaturais e fácies arbustivas

6220 Subestepes de gramíneas e anuais da *Thero-Brachypodietea* *

63 Florestas esclerófilas sujeitas a pastoreio (montados)

6310 Montados de *Quercus* spp. de folha perene

64 Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas

6410 Pradarias com Molinia em solos calcários, turfosos e argilo-limosos (*Molinion caeruleae*)

8 Habitats rochosos e grutas

82 Vertentes rochosas com vegetação casmofítica

8220 Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica

8230 Rochas siliciosas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veronicion dillenii*

9 Florestas

91 Florestas da Europa temperada

91B0 Freixiais termófilos de *Fraxinus angustifolia*

91E0 Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno-Padion*, *Alnion incanae*, *Salicion albae*) *

92 Florestas mediterrânicas caducifólias

9230 Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*

9260 Florestas de *Castanea sativa*

92A0 Florestas-galeria de *Salix alba* e *Populus alba*

92D0 Galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea* e *Securinegion tinctoriae*)

93 Florestas esclerófilas mediterrânicas

9330 Florestas de *Quercus suber*

9340 Florestas de *Quercus ilex* e *Quercus rotundifolia*

95 Florestas de coníferas das montanhas mediterrânicas e macaronésicas

9560 Florestas endémicas de *Juniperus* spp. *

Flora

A flora deste território alberga uma variedade de endemismos regionais e ibéricos. A diversidade de biótopos aqui presente deve-se a variações de clima, relevo, geologia e outros aspetos históricos que caracterizaram esta paisagem em particular.

A vegetação natural do Douro Internacional marca presença em todo o seu esplendor nas encostas do Douro, revestindo as suas arribas de bosques endémicos de zimbro, dominados, maioritariamente, por zimbros *Juniperus oxycedrus* e por azinheiras *Quercus rotundifolia*, que penetram pelos vales dos afluentes dos rios Sabor e Águeda.

Na zona de planalto temos uma conjugação entre os locais mais temperados com carvalhais de carvalho-negral *Quercus pyrenaica* e em zonas marcadamente mediterrânicas, azinhais e sobreirais *Quercus suber* com zimbros *Juniperus oxycedrus*. Este riquíssimo património natural pode ainda contar com os bosques de lódão-bastardo *Celtis australis* nas encostas mais húmidas do Douro e afluentes, como é o caso da ribeira do Mosteiro e ribeira da Sapinha.

Nos afluentes mais a norte, como o Fresno e tantos outros que desaguam diretamente no Douro, observam-se cortinas bem conservadas de salgueirais de *Salix atrocinerea*, *S. neotricha*, *S. erytroclados* e *S. salvifolia*, bem como amieiros *Alnus glutinosa* e choupos *Populus nigra var. betulifolia*, num mosaico singular de lameiros compartimentados por sebes de freixos *Fraxinus angustifolia*, carvalhos, trepadeiras, silvados, roseiras e madressilvas. Estes lameiros contam com a presença de vários endemismos, orquídeas, narcisos e muitas outras bulbosas, suportando uma assinalável diversidade de espécies e habitats particulares. Os rios e ribeiros são delineados por ranúnculos-de-água.

Em espaços reduzidos e muito fragmentados ao longo dos leitos de cheia rochosos do Douro podemos observar a magnífica *Aphyllanthes monspeliensis* acompanhada pela *Petrorhagia saxifraga*, Peucedan*um officinalis, Centaurea ornata, Dianthus marizii*, a endémica *Silene boryii subsp*. *duriensis, Allium schmitzii, Coronilla minima, Galega officinalis, Piptatherum paradoxum, Scorzonera crispatula, Anthericum liliago, Silene micropetala, Sideritis danielii, Avenula bromoides, Galium fruticescens, Fumana ericifolia, Linum austriacum, Plantago sempervirens, Narcissus jonquilla* e *Globularia vulgaris* que se estendem, apesar de fragmentadas pelas barragens, até ao concelho de Mogadouro.

Em Bemposta, Mogadouro, esta diversidade é enriquecida pela introdução de comunidades de vegetação não nitrófila de areias de leitos de cheias do Douro, enquadráveis na associação fitossociológica *Malcolmietalia* com um elenco particular como *Loeflingia hispanica, Malcolmia triloba subsp. patula, Linaria bipunctata, Plantago albicans, Pistorinia hispanica* e outras. Destaque ainda para os endemismos durienses *Isatis platyloba, Stipa lagasca, Antirrhinum lopesianum e Viola suavis*, esta última em leitos de cheia rochosos do Douro.

Nas cascalheiras grosseiras do Douro, no concelho de Mogadouro, em ambientes de extrema instabilidade natural provocada pelas cheias, podemos observar espécies como *Andryala ragusina*, *Lactuca viminea subsp*. *chondrilliflora e Rumex induratus*. A *Linaria coutinhoi*, endémica do nordeste transmontano, também pontua neste concelho, estendendo a sua presença até Freixo de Espada à Cinta. Neste concelho localiza-se ainda um paleoendemismo *Cosentinea vellea* que, em associação com

Convolvulus silicus, enriquece os azinhais mediterrânicos xistosos que colonizam as vertentes mais acidentadas por entre as quintas e herdades da região demarcada do Douro.

Na margem do Douro, imediatamente a jusante da barragem de Saucelle, observam-se salgueirais endémicos de *Salix purpurea subsp*. *lambertinana*. Também a presença de *Salix triandra var. amygdalina*, dada para Barca d'Alva junto ao Douro, realça bem a diversidade de espécies de salgueiros que este rio alberga ao longo de todo o seu percurso. Ao longo das suas margens também podemos observar as tamargueiras *Tamarix africana* e os choupais autóctones de *Populus nigra var. betulifolia*.

A sul do território, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, também a vegetação característica de leitos de cheia rochosos, desta vez do rio Águeda, são de elevada importância para a conservação da natureza com comunidades dominadas por *Bufonia macropetala, Anarrhinum duriminum, Petrorhagia saxifraga, Allium schmitzii, Allium oleraceum*, entre outras.

Em todo o Douro Internacional é possível observar a presença de outro emblemático endemismo característico de taludes mais húmidos das arribas do Douro, a endémica gramínea *Holcus setiglumis subsp. duriensis*.

Fauna

Em termos de fauna e em especial de aves, o Parque Natural do Douro Internacional constitui uma das zonas mais importantes no contexto nacional e mesmo ibérico.

A sua riqueza e diversidade de espécies deriva das condições orográficas, climáticas e de ocupação humana que apresentam uma marcada variação ao longo da vasta superfície do Parque.

Relativamente à fauna de vertebrados silvestres, existem 250 espécies, sendo 35 de mamíferos, 170 de aves, 20 de répteis, 11 de anfíbios e 14 de peixes. A fauna de invertebrados é também diversificada, mas ainda muito desconhecida.

Aves

A avifauna é o grupo de maior representatividade nesta área, pela elevada diversidade e pela ocorrência de várias espécies ameaçadas, que guardam aqui uma importante parcela das suas populações nidificantes a nível nacional e ibérico. Das 170 espécies registadas, 126 são nidificantes, podendo considerar-se 4 grupos principais, nomeadamente as aves rupícolas, as florestais, as estepárias e as aquáticas.

As aves rupícolas (i.e. de zonas rochosas) são as mais emblemáticas deste território, concentrando-se aqui uma grande percentagem dos efetivos nacionais de algumas das espécies mais ameaçadas, tais como a cegonha-preta *Ciconia nigra*, o abutre do Egito *Neophron percnopterus*, a águia-real *Aquila chrysaetos*, a águia de Bonelli *Aquila fasciata*, o falcão-peregrino *Falco peregrinus*, a gralha-de-bico-vermelho *Pyrrhocorax pyrrhocorax* e o chasco-preto *Oenanthe leucura*. De referir também outras espécies com o estatuto de "Quase Ameaçadas", tais como o bufo-real *Bubo bubo*, a maior ave de rapina noturna da Europa, o grifo *Gyps fulvus* e o andorinhão-real *Apus melba*.

Outras aves também observadas nestas zonas são o melro-azul *Monticola solitarius*, a gralha-de-nuca-cinzenta *Corvus monedula*, o corvo *Corvus corax*, a andorinha-das-rochas *Ptyonoprogne rupestris* e o pombo-das-rochas *Columba livia.*

Entre as aves florestais observáveis podemos destacar a presença do milhafre-real *Milvus milvus*, espécie muito ameaçada (estatuto de Criticamente Em Perigo para a população residente) que possui um efetivo populacional importante nesta área, o açor *Accipiter gentilis*, o milhafre-preto *Milvus migrans*, a felosa-de-bonelli *Phylloscopus bonelli* e o mocho-de-orelhas *Otus scops*.

Nos terrenos de cultura cerealífera podemos encontrar aves estepárias, tais como o sisão *Tetrax tetrax,* o alcaravão *Burhinus oedicnemus*, a calhandra *Melanocorypha calandra*, a calhandrinha *Calandrella brachydactyla* e o tartaranhão-caçador *Circus pygargus*, espécie Em Perigo que sobrevoa os campos de cereal na busca de alimento. No inverno, estes campos são utilizados por várias espécies invernantes, em particular a petinha-dos-campos *Anthus campestris*.

As aves aquáticas ocupam os planos de água existentes, podendo encontrar-se nestes biótopos várias espécies de patos, corvos-marinhos-de-faces-brancas *Phalacrocorax carbo* e o mergulhão-de-crista *Podiceps cristatus*, nidificante habitual na barragem de Sta. Maria de Aguiar.

Mamíferos

O mosaico de habitats (lameiros rodeados por sebes arbóreas, terrenos de cereal, vinhedos, etc.) que caracteriza a zona do planalto, constitui local de refúgio para numerosas espécies de mamíferos das quais se destacam o lobo *Canis lupus*, o corço *Capreolus capreolus*, o gato-bravo *Felis silvestris*, o rato de Cabrera *Microtus cabrerae* e o javali *Sus scrofa*.

Existem também importantes colónias, tanto de hibernação como de criação, de morcegos cavernícolas, muitos dos quais ameaçados, em minas abandonadas e nos túneis das barragens. O morcego-de-ferradura-mediterrânico *Rhinolophus euryale* e o morcego-rato-pequeno *Myothis blythii* estão Criticamente Em Perigo.

Répteis e Anfíbios

No Parque Natural ocorre um elevado número de espécies deste grupo, do total presente em Portugal e na Península Ibérica. São de referir, pelo seu estatuto de ameaça, o cágado-de-carapaça-estriada *Emys orbicularis* e a víbora-cornuda *Vipera latastei.*

Peixes

O grupo das espécies de peixes presentes na área do Parque sofreu, nas últimas décadas, alterações no seu número e composição, sendo atualmente constituído por 14 espécies, entre elas a panjorca *Chondrostoma arcasii* - em Perigo, o barbo-comum *Barbus bocagei*, a boga-do-norte *Chondrostoma duriense* e o escalo-do-norte *Squalius carolitertii.*

Invertebrados

Os invertebrados são o grupo faunístico menos conhecido, apesar de o PNDI ter sido alvo de um estudo sobre este grupo alargado de animais, realizado pelo CIBIO - Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, no âmbito de um protocolo com o então ICNB, que financiou o projeto, com comparticipação de Fundos Comunitários.

Atualmente são conhecidas algumas centenas de espécies de diversos grupos de insetos, nomeadamente, Coleópteros (escaravelhos, carochas e besouros), Colêmbolos, Dermápteros (tesourinhas ou bichas-cadela), Dípteros (moscas e mosquitos), Himenópteros (vespas e abelhas), Lepidópteros (borboletas e traças), Odonatos (libélulas e libelinhas) e Ortópteros (gafanhotos, grilos e saltões).

Para além dos insetos, a fauna de invertebrados engloba mais de 200 espécies de Aracnídeos, incluindo aranhas, um escorpião e um solífugo. De salientar a recente descrição, na área do PNDI, de algumas espécies de aranhas novas para a ciência.

Os crustáceos não foram abordados no trabalho acima mencionado, mas são de referir os lagostins, estando a espécie autóctone, lagostim-de-patas-brancas *Austropotamobius pallipes,* considerada como extinta, apesar de ter ocorrido até recentemente nesta área. O lagostim-vermelho-da-luisiana *Procambarus clarkii*, originário dos Estados Unidos, tem vindo a expandir-se por toda a área.

História | Cultura

Paisagem

A paisagem do Parque Natural do Douro Internacional é controlada pela geologia complexa, sublinhando-se o vale em canhão do rio Douro, encaixado em fraturas ao longo dos granitos que dão origem à grande planura do planalto Mirandês, os relevos abruptos das cristas quartzíticas como o Penedo Durão, a topografia ondulada de montes e vales abertos dos terrenos de xisto da zona de Freixo de Espada à Cinta e as margens escarpadas do rio Águeda cobertas de densos matagais.

Na região domina o carvalhal - bosques de carvalho-negral *Quercus pyrenaica* e carvalho-cerquinho *Quercus faginea* nas zonas de maior altitude, azinheiras e sobreiros nos terrenos mais secos. Há zimbrais nos vales apertados e nos esporões rochosos do Douro e seus afluentes, bosques de amieiros, salgueiros e freixos junto às linhas de água e ainda grandes extensões de giesta e esteva.

A paisagem natural é enriquecida por elementos resultantes das atividades humanas, como é o caso dos campos cultivados, delimitados por sebes de freixos e carvalhos, das culturas em socalcos, em algumas zonas das arribas, e também das construções tradicionais, como os pombais. As paisagens seminaturais, assim resultantes, demonstram bem a harmonia que pode ser conseguida entre a ocupação humana e a preservação da biodiversidade.

Património histórico-cultural

A região abrangida pelo Parque Natural apresenta uma grande riqueza cultural, começando desde logo pelo mirandês, falado em algumas aldeias dos concelhos de Miranda do Douro e Vimioso. As festas e romarias tradicionais ainda mantêm aqui uma forte expressão, fazendo parte da vivência quotidiana das populações locais e atraindo cada vez mais visitantes.

A língua mirandesa ou mirandês é a segunda língua oficial de Portugal. Considera-se que deriva do asturo-leonês. Atualmente é falada por cerca de quinze mil pessoas, em diversas freguesias dos concelhos de Miranda do Douro e Vimioso. Tendo a língua mirandesa uma forte tradição oral, só em 1882 começou a ser escrita e investigada por José Leite de Vasconcelos, ilustre filólogo, arqueólogo e etnógrafo português, e atualmente é ensinada nas escolas da região. Para facilitar a aprendizagem e lutar contra a ameaça da sua perda pela influência da televisão, e contra as pressões do português e do castelhano, foram já publicadas várias obras em mirandês ou sobre esta língua - Convenção Ortográfica, Dicionário, Gramática, Contos, dois volumes da série de banda desenhada Astérix, entre outros.

Ainda no domínio da língua, dois proeminentes escritores portugueses são originários deste território. Guerra Junqueiro nasceu no concelho de Freixo de Espada à Cinta, a 17 de setembro de 1850 e Trindade Coelho, nascido a 18 de junho de 1861, é natural de Mogadouro.

Em Miranda do Douro é possível assistir à dança dos Pauliteiros, expoente máximo do folclore Mirandês. Trata-se de uma dança comunitária ao som das gaitas de fole e dos bombos. São oito dançadores, que envergam um trajo para-militar, considerado por alguns especialistas como sucessor do trajo militar greco-romano, substituindo as túnicas pelas saias, o escudo pelo lenço sobre os ombros, os chapéus enfeitados e a utilização da flauta pastoril.

Ainda hoje se cultivam, em toda esta região, manifestações a que se dá o nome de Festas de inverno. De entre as inúmeras festas e figuras, de origem pagã, referem-se aquelas que poderão ser as mais reconhecidas a nível regional e mesmo nacional, nomeadamente a do Carocho, Dança do Fogo, Festa dos Rapazes, Chocalheiro, Caretos, Velha, Farandulo, Zangarrón, Festa dos Casados, a Fogueira dos Rapazes, Enterro do Entrudo, Sete Passos e Rebentar do Judas. Quase todas estas manifestações etnográfico-culturais são de origem pagã, de caráter crítico, sarcástico e irónico.

As festas e romarias, mais populares durante os meses de verão, abundam um pouco por toda a região e estão, na sua maioria, associadas a acontecimentos religiosos. Estes eventos assumem cada vez maior importância em termos do número de pessoas que mobilizam, representando um forte motivo de atração.

Património arquitetónico

Ao nível do património arquitetónico do Parque Natural do Douro Internacional encontram-se em todo o território exemplos de arquitetura religiosa (igrejas e capelas), arquitetura tradicional de feição erudita (casas solarengas) ou popular (edifícios isolados ou conjuntos arquitetónicos), para além de outros elementos diversos como cruzeiros, alminhas, pontes, etc..

São de destacar os pombais tradicionais, cuja forma vai variando ao longo do território, à medida que nos deslocamos de norte para sul, muitos dos quais se encontram recuperados através de um projeto desenvolvido pelo PNDI e prosseguido pela Palombar, Associação de Proprietários de Pombais Tradicionais do Nordeste (atualmente Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural), criada com o apoio do Parque.

O património arqueológico existente no território é igualmente vasto e abrange desde gravuras rupestres e castros aos testemunhos da ocupação romana - povoados, necrópoles, pontes e estradas -, de castelos e atalaias medievais, até aos exemplares de arquitetura do ferro de finais do século XIX, estações de comboio da linha do Sabor e da linha do Douro. Uma parte deste património está classificada como Monumento Nacional, Imóvel de Interesse Público ou como Valor Concelhio.

Atividades humanas

A ocupação humana na área do Parque Natural do Douro Internacional é imemorial, perdendo-se no tempo, o que é atestado pelos vestígios deixados pelas populações nas diferentes épocas da história - a arte rupestre do Paleolítico Superior, os povoados fortificados, os castros, os sítios romanos e medievais, as igrejas, etc..

A população atualmente residente na área do Parque é de cerca de 13.500 habitantes (INE, 2011), distribuídos por 46 povoações, sendo que a agricultura e a pecuária ocupam a maior parte da população ativa. É uma zona de minifúndio, com explorações de pequena e média propriedade, do tipo familiar. Nas arribas, predominam as culturas mediterrânicas como a vinha, o olival, o amendoal, e o laranjal e os pequenos ruminantes autóctones – ovinos - Churra Galega Mirandesa e Churra da Terra Quente - , e caprinos - Cabra Serrana. No planalto, predominam os sistemas cerealíferos, sobretudo trigo e centeio, e forrageiros (lameiros) associados à criação de bovinos da raça Mirandesa. Também há grande produção de leite.

O setor secundário ocupa cerca de 21% da população ativa e abrange atividades no âmbito da construção e obras públicas e de uma indústria constituída por pequenas empresas concentradas nas sedes dos concelhos e algumas cooperativas de transformação: azeite e vinho.

O setor terciário representa atualmente cerca de 25% da população ativa, verificando-se que tem havido um incremento do comércio e do turismo em alguns concelhos. O comércio é constituído por pequenas unidades retalhistas de caráter familiar concentradas nas sedes dos concelhos e o turismo, apesar das apreciáveis potencialidades, encontra-se incipientemente desenvolvido.

As atividades tradicionais ainda têm algum peso na economia das famílias residentes no território, nomeadamente a apicultura, a charcutaria e o artesanato, destacando-se os trabalhos em madeira como é o caso das rocas e cabos de navalhas bordados, flautas e gaitas de foles, até aos ferros forjados e cutelaria, passando pela cestaria, a latoaria, a tecelagem em lã, linho e seda, de que são exemplo as “capas de honras” feitas em burel e as colchas.